

Ficha Técnica:

Seleccção, contextualização e notas: Ana Cristina Araújo
Grafia e Imagem: Sónia Nobre
Serviços de Biblioteca e Documentação da FLUC:
Helena Quaresma

© Créditos fotográficos capa:
Nossa Senhora da Rosa [pormenor rosto Virgem]
Propriedade: Museu Nacional de Machado de Castro
Autor: Desconhecido / Gótico
Fotografia: José Pessoa
Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)

Organização:



Apoios:



8.

Freitas, Serafim de, Frei. *De Iusto Imperio Lusitanorum Asiatico*.
auctore Doctore Fr. Seraphino de Freitas
Vallisoleti : Ex Officina Hieronymi Morillo, Almae Universitatis Typographi, 1625.
[16], 190 f., [56] p. 19 cm.
CF G-5-15.

Frei Serafim de Freitas (1570-1633)
Jurista de renome, estudou Humanidades no Colégio Jesuíta de Santo Antão e doutorou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. Em 1608 ingressa no Convento de Nossa Senhora da Mercê de Valhadolid. A sua obra: *De Iusto Imperio Lusitanorum Asiatico* (Do Justo Império Asiático dos Portugueses), publicado em Valhadolid, em 1625, constitui uma resposta ao folheto de Hugo Grócio, *Mare Liberum...* (1608). Frei Serafim de Freitas reivindica, do ponto de vista jurídico, o direito ao uso exclusivo dos mares descobertos e o monopólio da navegação dos países ibéricos nos limites fixados pelo Tratado de Tordesilhas. Na defesa das pretensões do *mare clausum* empenharam-se, igualmente, outros autores, nomeadamente, António Gama, Jorge Cabedo de Vasconcelos, Fernando Rebelo, Bento Gil e Frei Serafim de Freitas.

9.

Melo, Francisco Manuel de. *El mayor pequeño vida, y muerte del serafin humano* Francisco de Assis.
recuerdadas a la piedad universal D. Francisco Manuel. En Lisboa : Por Manuel da Sylua, 1647. CF F-1-17.



Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666)
Foi um dos mais representativos autores da literatura barroca peninsular, notabilizando-se como poeta, moralista, narrador, dramaturgo e epistológrafo. Tendo publicado cerca de duas dezenas de obras em vida, muitos outros títulos de sua autoria foram impressos postumamente. Aliou ao estilo elegante e ritmado da escrita em vernáculo a temática barroca da instabilidade do mundo e da fortuna. As suas reflexões morais denunciam uma expressiva apropriação do tópico do desengano e um forte sentido de fidelidade ao catolicismo tridentino.

Outras Obras:
Doce Sonetos por varias acciones, en la muerte de la señora D. Ignes de Castro (Lisboa, 1628); *Eco político responde en Portugal a la voz de Castilla* (Lisboa, 1645); *Carta de Guia de Casados* (Lisboa,1651); *Epanaphoras de varia historia portuguesa* (Lisboa, 1660); *Primeira parte das cartas familiares* (Roma, 1664); *Auto do fidalgo aprendiz* (Lisboa, 1676); *Obras Morales* (Roma, 1664) *Apologos dialogaes. Obra posthuma, a mais política, civil, e galante que fez seu autor* (Lisboa, 1721); *Tratado da sciencia Cabala, ou noticia da Arte cabalistica. Obra posthuma autor* (Lisboa, 1724).

10.

Figueiredo, Luís Botelho Froes de. *Ponte segura para o golfo da vida no estreyto pasto da morte (...)*
dedicada ao senhor Bartholomeu de Sousa Mexia (...) / Lisboa : na Officina Real Deslansiana, 1713. CF F-3-19

Luís Botelho Fróis de Figueiredo (1675-1720)
Fidalgo, nascido em Santarém, ingressou na Universidade de Coimbra, tendo-se formado em Cânones. Passou pelo Seminário do Varatojo, mas não professou votos de religião. Depois de viver apartado das coisas do mundo, por alguns anos, voltou à vida secular e dedicou-se às letras e ao estudo. A meditação dos “Quatro Novíssimos” e a pedagogia da “Boa Morte” ocupam um lugar central na sua obra.

Outras obras:
Hypochis funebre em lagrimas tragicas, com que Ullyssea enternecida combate o mármore que esconde nas primeiras auroras da vida a melhor luz de Portugal (Lisboa, 1704); *Modo efficacissimo de orar ás Onze Mil Virgens, para conseguir o seu patrocínio* (Lisboa, 1711); *Eptiome da vida de S. Pedro de Alcantara, monstro da penitencia, gloria maior da familia Seraphica* (Lisboa, 1714); *Queixas do amor divino, sentimentos do coração humano na morte e paixão de Christo, em dez discursos moraes de Christo, em dez discursos moraes* (Coimbra, 1717).



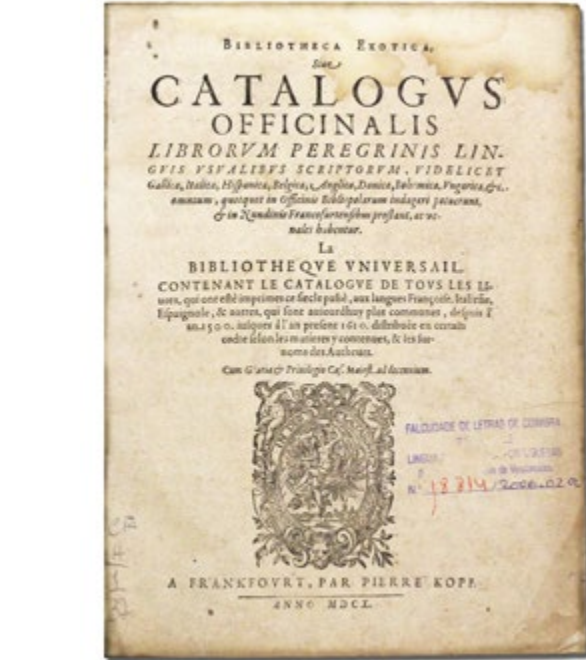
11.

Colares, Nicolau Fernandes.
Descripçam do tormentoso Cabo da enganosa Esperança.
Offerece o seu autor o P. Nicolao Fernandes Collares ... Lisboa Occidental : Na officina de Miguel Manescal [Lisboa Oriental : Na Offic. de Felipe de Sousa Villela], 1718- [1720] 2 vol. 4” (22 cm) CF G-3-14

Nicolau Fernandes Colares (1662-1723).
Padre da Companhia de Jesus e prior da igreja paroquial de S. Cristóvão. Doutrinador e pregador afamado, publicou alguns dos seus sermões e deixou ainda uma extensa obra de carácter apologético. Na arte da retórica adoptou o cânone barroco e como pedagogo recorreu à pastoral da morte para comover auditórios e inclinar os fiéis à penitência.

Outras Obras: *O mais soberano objecto da grammatica mais sagrada: sermão pregado no dia de Natal* (Lisboa, 1698); *Geometria do amor: sermão do Mandato* (Lisboa, 1698); *Desempenho de prégadores nas censuras dos seus ouvintes: em um sermão da Sexagessima* (Lisboa, 1700); *Medicina e remedio mais eficaz da republica mais enferma: sermão do paralytico* (Lisboa, 1703).

12.



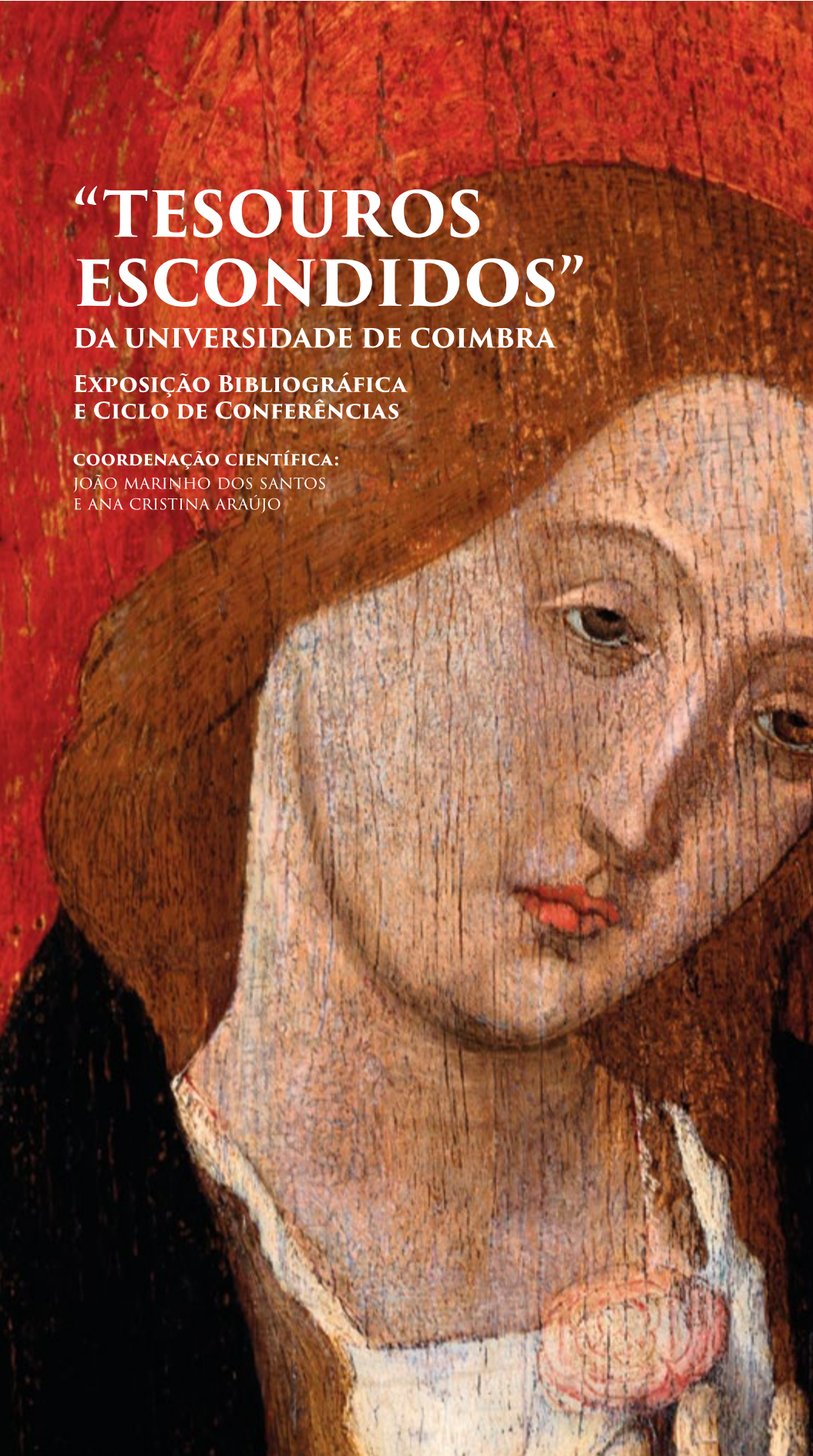
Bibliotheca exotica, siue Catalogus officinalis librorum peregrinis linguis usualibus scriptorum, videlicet Gallica, Italica, Hispanica, Belgica, Anglica, Danica, Bohemica, Vngarica, &c. omnium, quotquot in officinis bibliopolarum indagari potuerunt, & in nundinis Francofurtensibus prostant, ac venales habentur
La Bibliotheca Universail... (1500-1610)... Franfourt : Pierre Kopf, 1610. 221 p. CF H-1-32.

Perante a dificuldade de os leitores acederem aos livros impressos, compilações como a *Bibliotheca exotica, siue Catalogus officinalis librorum peregrinis linguis usualibus scriptorum*, – um dos primeiros repertórios autorizados de bibliografia europeia impressa –, que tem a pretensão de reunir todos os títulos publicados entre 1500 e 1600, reduz a biblioteca às dimensões de um catálogo e de um recenseamento. Por outro lado, a disponibilidade universal do património escrito impresso acompanha a exigência de conservação do livro. Passa-se da biblioteca como espaço de organização do património escrito ao livro-biblioteca, “da grande biblioteca com milhares de livros ao livro único que resume essa biblioteca” (R. Chartier).

“TESOUROS
ESCONDIDOS”
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA
E CICLO DE CONFERÊNCIAS

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
JOÃO MARINHO DOS SANTOS
E ANA CRISTINA ARAÚJO



1.

Barreyra, Isidoro, Frei. **Tratado das significações das plantas, flores, e fruttos, que se referem na Sagrada Escritura: tiradas de divinas, e humanas letras, com suas breves considerações.** pelo Padre Fr. Isidoro de Barreyra. Lisboa: na officina de Manoel Lopes Ferreyra & à sua custa, 1698. [8], 527, [1] p. 4° (21 cm). CF A-1-29.

Frei Isidoro de Barreyra (15-- 1634) Freire conventual da Ordem de Cristo. Professou no convento de Tomar e aí faleceu em 1634, conforme indica Barbosa Machado. O Tratado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na Sagrada Escritura: tiradas das divinas e humanas letras, com suas breves considerações foi publicado em Lisboa, por Paulo Craesbeck, em 1622. O autor compôs ainda um segundo tomo, que não chegou a ser impresso. A obra é instrutiva, curiosa e espelha a erudição sagrada de Frei Isidoro Barreyra. A visão providencial da vida e do mundo consubstancia a maravilhosa articulação entre a natureza visível e o carácter insondável da criação divina.

Transcrição

S. Ambrosio tratando das principaes flores, & plantas, que Deos pussera no paraíso Terreal, começa pela Rosa, & pelo Lírio, dando o primeiro lugar a qualquer delas, com muitos louvores. Esta he a razão porque seguindo a ordem deste gloriozo Doutor, avantejamos a Rosa a todas as mais flores, de que agora havemos de tratar, pois por sentença de todos he a principal delas, sendo o mesmo Santo de opinião, que a Rosa no terreno Paraíso fora criada sem espinhos. O mesmo quer S. Basílio, dizendo que ficando a terra amaldiçoada pelo peccado de Adaõ, começou a dar espinhos , & abrolhos que não tinha, & a Rofa começou a se rodear deles, em final que gostos da vida, peccando o primeiro homem, se cercarão de tormentos, como a Rosa de espinhos. E porque as mais plantas, & flores forão antigamente dedicadas a particulares deuses, a Rosa o era à deusa Vénus, em razão, que a mais generosa flor se devia consagrar mais fermosa Deusa. Diziaõ tambem que a Rosa no principio fora branca, mas que andando Venus entre uns rosaes buscando a Adonis se ferira em hum pé, & tocando com o seu sangue nas Rosas as atingira, e lhes dera a cor do proprio sangue, ficando em parte vermelha , & em parte branca. Outros attribuião a cor purpurea da Rosa à mesma Estrella de Venus, que por ser rubicunda , & inflammada , influhia mais nesta flor sua virtude, & efeitos particulares. A Rosa considerada sem espinhos , significa Graça , como consta de divinas, & humanas letras.

2.

Catechismus ex decreto Concilii Tridentini ad parochos...
Leodii : Impensis Henrici Houii, 1568. 633, [39] p. CF E-2-29

Nos alvores da época moderna, a História do Cristianismo é indissociável da invenção da imprensa e da utilização, em larga escala, do livro religioso. É no século XVI que se fixa o triplo sentido da palavra catecismo: manual (texto), instituição (“catequese”) e prática pedagógica (de acordo com uma metodologia prática rigorosa). Embora os catecismos tenham sido um veículo importante na disseminação do protestantismo – Lutero, em 1529, escreveu dois catecismos em que expôs o “seu Evangelho” – a Igreja Católica, depois do Concílio de Trento, não deixou de recorrer a este poderoso instrumento de instrução de párocos e fiéis. O Catecismo Romano ou *Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini* ad parochos foi decretado pelo Concílio e a sua primeira edição, em Veneza, data de 1566, tendo sido publicado por iniciativa do Papa Pio V. Na redação deste magno catecismo participou o dominicano português Francisco Foreiro. Contudo, deve salientar-se que D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, publicou em Portugal o primeiro Catecismo de Doutrina Cristã e práticas espirituais concebido de acordo com o cânone tridentino, dois anos antes, em 1564.

Tradução de alguns parágrafos do segundo quesito do *Catechismus ex decreto Concilii Tridentini* ad parochos

a) Adaptar-se aos ouvintes... [11] Se em toda instrução muito se necessita de método, não se pode negar a sua máxima importância na instrução cristã do povo. Cumpre, portanto, atender à idade, inteligência, costumes e padrão de vida das pessoas que ouvem. Quem ensina deve fazer tudo para todos, (42) a fim de lucrá-los todos para Cristo. Deve, pois, mostrar-se fiel ministro e dispensador (43); e, a exemplo do servo bom e fiel, fazer-se digno de que o Senhor o ponha chefe de muitas coisas. (44)

Não imaginem os pastores que a seu cuidado foram entregues almas de um só feito. Por conseguinte, não poderá instruí-las todas pela mesma cartilha, invariavelmente; nem servir-se do mesmo chavão para formar os fiéis na verdadeira piedade. Uns serão como que "crianças recém-nascidas"; outros já começaram a crescer em Cristo; outros, enfim, terão alcançado o vigor da idade. Devem, pois, os pastores averiguar, cuidadosamente, quem ainda precise de leite (45), e quem tenha necessidade de comida mais forte. A cada um ministrarão o sustento doutrinário que mais for próprio para enrobustecer o espírito, "até chegarmos todos unidade da fé do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de varão perfeito, conforme a idade madura de Cristo". (46)

3.

Andrade, Diogo de Paiva de. *Defensio tridentinae fidei catholicae et integerrimae quinque libris compraehensa aduersum haereticorum detestabiles calumnias & praesertim Martini Kemnicij Germani.*

autore...Dieguo Payua Dandrada Lusitani... Olyssipone: per Antonium Riberium..., 1578. [12], 358 f. 4° (21 cm). CF G-4-18

Diogo de Paiva de Andrade (1528–1575) Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra, em 1558, foi um dos mais ilustres representantes portugueses ao Concílio de Trento. Notabilizou-se pelas obras que escreveu contra o teólogo protestante Martinus Kemnitius: *Orthodoxarum Explicationum Libri Decem* (Veneza, 1564; Colónia, 1564, 1574) e *Defensio Tridentinae Fidei Catholicae et Integerrimae* (Lisboa, 1578 e 1595).

Outras Obras:
Concio habita ad pares in Concilio Tridentino congregatos (Brixiae, 1562); *De Societatis Iesu Origine*. Libellus (Lovaina, 1566);

4.

Pimentel, António, m.1656. *Cartilha para saber ler em Christo, e compendio do livro da vida eterna.* ordenado pello padre António Pimentel. Em Lisboa: Officina de Henrique Valente Oliveira, 1656. [8], 154 p. CF A-3-16.

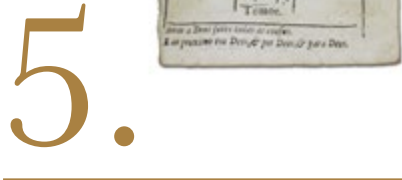
O padre António Pimentel (16—1656), da Ordem dos Clérigos Menores, publicou a primeira edição desta obra em Lisboa, no ano de 1638. A segunda edição, apresentada nesta exposição, saiu acrescentada e a partir dela se fizeram duas outras edições distintas no século XVII. Sem contabilizar as contrafações que correram no mesmo período, pode dizer-se que a Cartilha para saber ler em Christo foi um dos livros mais utilizados na replicação ritual e leitura dirigida do dogma católico.



Cartilha para ensinar a ler, com os mysterios de nossa Santa Fé...no fim vay a ladainha de Nossa Senhora.

Evora: Officina da Universidade, 1686. 61 p. CF F-2-19

As primeiras cartilhas do século XVI, dos jesuítas Marcos Jorge e Inácio Martins, serviram de paradigma ao ensino, em larga escala, da doutrina católica. As formas de controlo disciplinar e de evangelização, segundo os moldes do Concílio de Trento, das cartilhas do século XVII aliam, com grande sentido prático, a brevidade da mensagem à exploração visual, ritual e sonora dos motivos da fé.A *Cartilha para ensinar a ler, com os mysterios de nossa Santa Fé*, publicada sob a orientação dos jesuítas da Universidade de Évora, em 1686, reflete bem a evolução formal deste género de livro religioso de pequeno formato. Em suma: a Cartilha impões três procedimentos complementares: a oração, a repetição e a leitura dos motivos da crença.

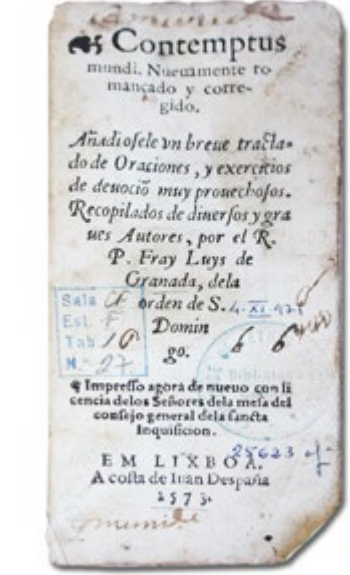


6.

Luis, de Granada. *Contemptus mundi. Nueuamente romançado y corregido. Anhnadiosele [sic] vn breue tractado de Oraciones y exercicios de deuocio muy prouechosos / recopilados de diuersos y graues autores.*

por el R.P. Fray Luys de Granada dela orden de S. Domingo [sic]. Siguense vnas oraciones y exercicios de deuocion muy prouechosos / recopilados de diuersos y graues autores por el reuerendo padre frey Luys de Granada, Prouincial de la Prouincia de Portugal dela orden de Sancto Domingo. En Lixboa: A costa de Juan Despanha, 1573 (Antonio Goncalvez). En Lisboa: en casa de Antonio Gonçaluez, 1573. 2 vol. (179 fl. 42, [6] fl.) 14 cm; 42, [6, 1 br.] f. 14 cm. CF F-1-27

Frei Luís de Granada (1505–1588) Religioso da ordem de S. Domingos, asceta, pregador e doutrinador católico. Nascido em Granada, passou parte da sua vida em Portugal, vindo a falecer em Lisboa, a 31 de dezembro de 1588, com oitenta e três anos de idade. Foi mestre de Filosofia e Teologia Moral; confessor de D. João III, da rainha D. Catarina, e do cardeal infante D. Henrique; Visitador e Provincial da província de S. Domingos de Portugal. Em Portugal foi muito estimado pela sua vasta erudição, piedade e grande eloquência. Na sua época, foi considerado “o Cícero espanhol”, porque se dizia que as suas obras superavam em sabedoria, elegância, eloquência e piedade quantas se haviam escrito na língua de Cervantes. A atração exercida pela espiritualidade



mística nos séculos XVI e XVII, na Península Ibérica, explica, em parte, o interesse que os livros de Frei Luís de Granada suscitaram. Este é, sem dúvida, um período de grande difusão de obras de espiritualidade cristã, motivo por que muitas obras de místicos da região Reno-Flamenga foram traduzidas do latim para o português ou para o espanhol, o mesmo acontecendo com obras provenientes de Itália.

Outras Obras:
Breve tratado de tres principales exercicios (Évora, 1555); *Compendio da doctrina cristaã recopilado de diuersos autores* (Lisboa,1559); *Memorial de lo que debe hacer el Cristiano* (Lisboa, 1561); *Libro de la Oracion y Meditacion. En El Qual se Trata de la Consideracion de los Principales Mysteries de Nuestra Fé* (Lisboa,1562); *Introducción del símbolo de la fe* (Salamanca,1583); *Guía de pecadores, e exortação á virtude...* (Madrid, 1657).

7.



Guevara, Antonio de. *Oratorio de religiosos y exercicio de virtuosos.* Antonio de Guevara. Valladolid : Juan de Villaquiran, impressor, 1542. [8], 110 f. 2° (27cm). CF A-8-12

Nota manuscrita: Editio fort rare, ainsí que celle de Saragosse, 1543. – [Obra danificada mas restaura. – Folha de rosto com letras a preto e vermelho e com cercadura, texto a duas colunas in folio, caracteres goticos. – Foi rasgada a folha de guarda inicial. – Inicio dos capitulos com capitais ornamentadas, algumas a vermelho. – Primeira impressao em Valladolid em 1452. – Enc. em pergaminho]

Frei Antonio de Guevara (ca 1480-1545) Franciscano, escritor espanhol e figura proeminente da Igreja em Espanha. Foi pregador e cronista na Corte de Carlos V, tomou parte no Capítulo Geral de Burgos, foi membro da comissão encarregada da conversão dos infiéis (mouros e judeus) e integrou a Junta de 24 teólogos encarregada de examinar a obra de Erasmo de Roterdão. Em 1528 foi elevado à dignidade de bispo e em 1541 promulgou as Constituições Sinodais da diocese de Mondoñedo.

Outras Obras:
Libro aureo de Marco Aurelio (Sevilla,1528); *Reloy de principes* (Valladolid, 1529); *Una decada de Césares* (Valladolid, 1539); *Aviso de privados* (Valladolid,1539); *Menosprecio de corte y alabanza de aldeã* (Valladolid, 1539); *Arte de marear* (Valladolid, 1539) ; *Epistolas familiares* (Valladolid, 1539) ; *Oratorio de religiosos* (Valladolid, 1542); *Monte Calvario* (Salamanca, 1542).